

CASA IMAGINADA: BORDADO E MEMÓRIA NAS POÉTICAS VISUAIS BARBARA CALIXTO DOS SANTOS¹; HELENE SACCO²; EDUARDA GONÇALVES³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – barbaracalixtods@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – saccoh@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – dudaeduardaufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado “Casa, bordado e memória nas poéticas visuais” foi desenvolvido inicialmente vinculado ao projeto de pesquisa “A casa, as janelas e as redes sociais como continentes dos fazeres e da partilha da arte contemporânea durante e após a pandemia do COVID -19, a partir do sul do Brasil”, e do Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC (CNPq/UFPEL) sob coordenação da Profa. Dra. Eduarda Gonçalves. Atualmente, está ligada ao projeto “Lugares-livro: dimensões materiais e poéticas”, coordenado pela Profa. Dra Helene Sacco, com apoio da bolsa de iniciação científica PIBIC/AF. O resultado das investigações foram realizados dois trabalhos artísticos “Lar Emmanuel” e “Memórias compartilhadas” e evidenciado as implicações teóricas no campo da discussão de gênero, no que tange aos aspectos de memória da casa da infância de uma menina negra. Os trabalhos bordados revelam as figuras que são recordadas pela memória e se reconstituem. A pesquisa prática-teórica tem como referência as considerações sobre o conceito de Escrevivências de Conceição Evaristo, assim como, a produção da artista Rosana Paulino.

2. METODOLOGIA

A metodologia que utilizo para o desenvolvimento da poética visual é oriunda do campo da literatura por meio do conceito “escrevivências” criado pela linguista Conceição Evaristo . Segundo a autora:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (EVARISTO, 2020 p.30).

A Escrevivência evidencia o modo pelo qual processo a reflexão e escrita que parte das memórias pessoais, no campo da metodologia da pesquisa em poéticas visuais e que me possibilita estabelecer profundas relações entre as minhas memórias de infância e a sua atualização nos procedimentos da arte. Igualmente, por meio das lembranças que são motivadoras de meus procedimentos artísticos, do território que habitei e vivi na infância, num lar de

acolhimento, podemos remeter as recordações que podem fazer parte da memória de outras crianças negras que habitaram e vivenciaram outros tipos de moradas. Também registro com gravuras em tecidos as memórias dos meus familiares que sempre compartilharam suas vidas através da oralidade. Bordar foi uma das primeiras experiências que tive no lar de acolhimento. Lembro de algumas mulheres ensinando eu e meus colegas a tricotar cachecol, pintar panos de pratos com esboços de flores e a bordar as toalhas com nossos nomes em uma sala aconchegante, bem pequena, com tatames coloridos que nos mantinham tão próximos em tempos frios e chuvosos. Em 2022, iniciei uma série de bordados em torno das memórias das casas em que vivi e que haviam sido motivados pela pesquisa desenvolvida sobre as pessoas em situação de rua e sem local para abrigarem-se durante a pandemia do COVID-19.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O lar Emmanuel é o lugar do qual possuo recordações da infância e que atualmente regresso, a esse tempo, por meio das linhas que vão e vêm e criam formas no tecido. O primeiro bordado com contornos pretos que formam a casa e os elementos do jardim com plantas que preenchem de verde as laterais, representa a fachada do Lar Emmanuel. Ao mesmo tempo que bordava lembrava de acontecimentos que permeiam os espaços de casa, bordando a história a partir de lembranças sobre as coisas no interior, traçando o contorno de um guarda-roupa com linha preta e uma menina vestindo uma regata e um shorts azul. Após o término de dois bordados, considerei a possibilidade de fazer uma série que ilustrasse o imaginário da infância no Lar Emmanuel. Então lembrei que no jardim lateral da casa, onde havia um enorme coqueiro com cacho cheio de coquinhos amarelos e me sentava abaixo dele para comer o fruto que caía no chão. Iniciei um bordado do coqueiro oblíquo com linhas de tonalidades de verdes e marrons que davam volumes nas formas, coloquei bolinhas bem pequenas de miçangas marrons, laranjas e amarelas para representar os coquinhos.

Igualmente, produzi um bordado colorido com bastante volume, preenchendo mais as formas com as linhas coloridas para representar as árvores, e os postes, assim como, utilizei as miçangas para destacar as casas de João de Barro que eu encontrava na rua de terra próximo ao lar. Logo depois, comecei a lembrar das brincadeiras com bolas, bonecas, amarelinhas e com as bicicletas. Então, para finalizar a série fiz um bordado colorido que retrata as circunstâncias lúdicas que vivenciei (fig. 1). Fiquei um tempo pensando em como poderia apresentar os trabalhos no espaço e optei pela confecção de um varal de miçangas coloridas para suspender com prendedores os bordados. Considerei para esta montagem os dispositivos utilizados nas escolas para compartilhar os desenhos das crianças. Posteriormente, lembrei das histórias de Cordel que são dispostas em um tendal.

O segundo trabalho realizado foi uma série com 13 cópias chamadas 'Memórias compartilhadas I e II' (fig. 2). Usei a técnica de gravura em relevo, em que utilizo o linóleo como suporte e durante o processo de incisão da matriz gravei em 4 placas de aproximadamente 10 cm as figuras imaginadas pelas histórias que meus familiares compartilharam comigo, criando assim uma narrativa. Realizei a impressão da matriz em papel, como também em tecido que

foi costurado em formato de pequenas almofadas com enchimento de algodão e gotinhas de óleo essencial.



Figura 1. Lar Emmanuel, 2022-23, 20x20, Fotografia da autora.



Figura 2. Memórias compartilhadas I, 2023, 20x20 cm. fotografia da autora.



Figura 3. Memórias compartilhadas II, dimensões variadas, 2023. Fotografia da autora.

4. CONCLUSÕES

O processo de criação dos bordados e das gravuras evidenciaram a temática da memória pelas lembranças e narrativas familiares que me conferiu a referência do trabalho “Parede da memória” (fig. 4) da artista Rosana Paulino. A artista negra que cria uma parede com pequenas almofadas chamadas de patuá (na religião do candomblé são colocadas algumas ervas, cheiro e outras coisas dentro e representa a proteção) com fotocópias dos seus familiares. Assim sendo aproximado minha poética deste modo de partilhar e proteger a história vivenciada, com a possibilidade de denotar o bordado e a impressão como elementos que resistem ao apagamento do tempo, da sociedade, da cultura hegemônica branca. Evidencio a importância de resgatar as memórias de infância, porque são narrativas que possibilitam um processo de resgate das histórias, de ancestralidade negra e suas resistências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Li, Cons; NUNES, Isa. **Escrevivência: Escrita de nós, Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Editora Comunicação e Arte, 2020, p 26 – 46.

ROSANA Paulino. **Rosana Paulino**. Disponível em : <https://rosanapaulino.com.br/> Acessado em 21 out. 2023.